

# A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro

**Rodrigo Rabello**

**Doutor em Ciência da Informação pela  
Universidade Estadual Paulista (Unesp).  
Estagiário de pós-doutorado no Instituto  
Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia  
(Ibict)**

*A Ciência da Informação (CI) conta com um lugar investigativo singular onde se opera a interdisciplinaridade como dispositivo para o estudo dos fenômenos relacionados ao seu difuso objeto – a informação. A esse fecundo cenário também se atribui uma das causas originárias de uma “crise de identidade” refletida nas démarches de validação, em termos epistêmicos, de sua disciplinaridade. Com vistas a apresentar os espaços onde são produzidos tais esforços teóricos, objetivou-se: a) apresentar perspectivas de análise, ou lugares de observação, de onde são produzidas narrativas no campo da CI; b) trazer um quadro teórico contendo explanações e/ou controvérsias teóricas que ilustram a busca pela construção disciplinar da CI. Para tanto, utilizou-se como categorias de análise as epistemologias específica, particular e global, de Hilton Japiassu, as quais ajudaram a identificar a posição do sujeito, epistemólogo, frente ao objeto estudado, no caso, a CI. Observou-se que as narrativas produzidas no campo têm sido direcionadas em espaços epistemológicos bem definidos, embora, por vezes, tenham tido uma trajetória transversal em sítios intermediários, proporcionando profícuos lugares de encontro epistemológicos.*

**Palavras-chave:** Epistemologia; Produção de narrativas; Ciência da Informação.

## Information Science as object: epistemologies as meeting spaces

*Information Science (IS) counts on a singular investigative place where interdisciplinarity operates as a device to study phenomena related with its fuzzy object: information. It is one of the causes originating an "identity crisis" reflected in the demarches of validation, along with this productive setting, in epistemic terms of its disciplinarity. In order to introduce spaces where such theoretical efforts are produced, this paper aims to: a) introduce perspectives of analyses, or places of observation, where narratives within the field of IS are produced; b) bring a theoretical framework containing explanations and/or controversies illustrating a search for the disciplinary construction of IS. For such, three epistemologies were used as analysis categories: i) specific; ii) particular; and iii) global. These categories, taken from Hilton Japiassu, helped identifying the position of the subject, i.e. the philosopher, as for the study object - in this case, IS. The narratives produced within the field have been directed in well defined epistemological spaces, although, at times, they seem to follow a transversal trajectory in intermediate sites, providing productive epistemological meeting spaces.*

**Keywords:** *Epistemology; Production of narratives; Information Science.*

Recebido 03.06.2011 em Aceito em 25.01.2012

## 1 Introdução

A Ciência da Informação (CI) dedica-se ao estudo dos fenômenos concernentes ao seu difuso objeto – *informação* – tendo sua origem, como *ramo do saber*, relacionada à geração de produtos documentais e à serviços de informação, com vistas à organização da informação, somada à utilização de tecnologias de recuperação da informação para a sua disponibilização e acesso, visando ao uso. Tais esforços remetem ao lugar comum no qual a *interdisciplinaridade* assume natureza peculiar (SARACEVIC, 1995; 1996; PINHEIRO, 1999; 2006), encontrando variações ou interdependência na *transdisciplinaridade* (GARCÍA MARCO, 1998) e na *multidisciplinaridade* (HOLLAND, 2008). Diante desse quadro, a suposta “crise de identidade” da CI é desvelada por meio da incessante busca de parâmetros disciplinares, já que a ideia de interdisciplinaridade parece evocar a muitos pesquisadores a sensação, aparentemente contraditória, de abrigarem-se numa casa sem paredes, cujo teto projeta-se à eminente queda.

O presente texto busca enfatizar os mirantes de onde são observados e projetados os discursos que intentam, de alguma forma, minimizar a referida crise. Pretende-se: a) *num primeiro plano*, apresentar perspectivas de análise, ou lugares de observação, de onde são produzidas narrativas no campo. Argumenta-se que tais espaços sejam mais bem visualizados mediante a conceituação de enfoques epistemológicos – epistemologias *específica, particular e global* (JAPIASSU, 1977) – os quais terão, no presente estudo, valor categórico. No decorrer da linha argumentativa, as categorias empregadas referir-se-ão à posição do narrador frente ao objeto estudado; b) *num segundo plano*, trazer um quadro teórico contendo algumas explicações e/ou controvérsias que ilustram a busca pela construção disciplinar da CI. Destacam-se, nesse quadro, o importante papel do pluralismo epistemológico da CI em cujas narrativas interpretativas congregam a discussão sobre suas origens técnico-científicas e multidisciplinares.

Especula-se que, embora tais narrativas estejam sendo produzidas e projetadas em direção a espaços epistemológicos bem definidos (ou *específico ou particular ou global*), a possibilidade de trânsito entre espaços intermediários – em movimentos transversais que se operacionalizam de um enfoque epistemológico a outro – demonstra o caráter complementar e, quiçá, mutuamente indispensável das epistemologias pensadas aqui como *lugares de encontro* para a construção de bases teórico-metodológicas mais sólidas. Espera-se aprofundar a discussão iniciada outrora por Rabello (2008; 2009; 2011a) sem a pretensão de esgotar o tema e, tampouco, de fazer um mapeamento exaustivo, e/ou cronológico, dos teóricos e das pesquisas mais alinhados a um ou a outro enfoque, ou daqueles cujos interesses perpassam transversalmente entre diferentes espaços.

## **2 Aproximações da dinâmica no âmbito disciplinar/científico**

A ciência moderna decorreu do processo de especialização do conhecimento, quando se passou a valorizar a positividade por intermédio da observação da natureza mediante experimentos com algum critério metódico. Buscou-se, com isso, uma contraposição às formas de explicação e interpretação do mundo até então vigentes, lembrando que inicialmente prosperou a interpretação mítica, seguida daquela originada da Filosofia e, posteriormente, da Teologia. Essas eram as únicas plataformas de conhecimento que se debruçavam em explicar o mundo e seus fenômenos. A Filosofia e sua especulação metafísica – que, como o próprio nome sugere, transcende aos fenômenos físicos – fora questionada por não suprir a necessidade de estudar e explicar os fenômenos físicos e naturais de interesse à época (século XVII),<sup>1</sup> em

---

<sup>1</sup> Tal demarcação, que considera como parâmetro a Física newtoniana, no século XVII, pode ser relativizada haja vista o longo percurso compreendido na Idade Moderna, desde meados do século XVI, no tocante ao desenvolvimento do pensamento filosófico científico, que perpassou pelas contribuições de grandes nomes como Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Bacon (1561-

função de ater-se historicamente ao livre exercício da especulação. Para a Filosofia, a negatividade vigora-se imperativamente. Em contrapartida, a ciência positiva moderna nasce com a pretensão de ser uma alternativa à Filosofia e à Teologia para a explicação das coisas e dos fenômenos do mundo, tomando a positividade como elemento direcionador para a compreensão e representação dos fenômenos mediante a instrumentalização da razão – concepção racionalista – ou por intermédio de experimentos empíricos – concepção empirista.

A pretensa autonomia da ciência frente à Filosofia caracterizou-se pela priorização do *método* sobre a *ontologia*. A divergência em relação à premissa ontológica pode ser observada na Geometria e na Aritmética, pois tais disciplinas constituíram os primeiros saberes positivos que negaram a impossibilidade de apreensão da substancialidade das coisas por meio da forma e da matéria. Nessa perspectiva, o que passou a valer para o estudo da substancialidade das coisas não foi o “[...] estatuto ontológico, mas o estatuto metodológico [...]” (VUILLEMIN, 1987, p. 117), ou seja, não seria a maior ou menor proximidade da observação da substância real ou objeto, mas a capacidade metódica de compreendê-lo de forma clara e distinta.

Em ciência, os métodos são aplicados em contextos circunscritos, ou seja, em disciplinas. Mormente quando se pensa em *disciplina* logo se matiza a imagem de um conjunto de saberes instituídos de forma sistemática, confluindo para explicar e subsidiar a produção e a assimilação de um conhecimento particular, científico ou técnico. Etimologicamente *disciplina* remete à palavra *discípulo*, ou seja, “aquele que segue”. Nesse caso, infere-se que o amoldamento de uma disciplina científica pressupõe a busca de conhecimentos científicos que serão circunscritos para posteriormente serem (per)seguidos por aqueles indivíduos que querem e/ou necessitam se apropriar deles. Nesse sentido, da disciplina deduzem-se as ideias de delimitação, conformação, fechamento e assentamento de um conjunto de conhecimentos apresentados com uma figuração racional específica para a formação de uma unidade auxiliadora no processo de pesquisa, ensino e aprendizagem.

Essa concepção *latu sensu* de disciplina como *ramo do saber especializado* – ciência – é construída, em sua base operacional, por meio do processo de compartimentalização do conhecimento científico no âmbito acadêmico-profissional e administrativo. A institucionalização da ciência – em escolas e universidades – ocorre por meio da estruturação de matrizes (ou componentes) curriculares de cursos, cujas matérias são construídas e organizadas seguindo a lógica disciplinar para viabilizar a pesquisa, o ensino e a aprendizagem (POMBO, 2003). Outro aspecto refere-se à classificação de *áreas* por órgãos de governo para regulação, avaliação e/ou financiamento da pesquisa e do ensino em torno de

---

1626), Descartes (1596-1650). O pensamento desses filósofos foi imprescindível para que se pudesse ter, no século XVII, a consciência da possibilidade do controle da natureza por intermédio da razão, algo que possibilitou a Newton (1643-1727) trazer os pressupostos para a “fundação” da primeira das ciências modernas.

*especialidades* (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003). Em síntese, o termo *disciplina*, em *stricto sensu*, pode conotar: a) as partes ou matérias que compõem as estruturas curriculares; b) o resultado das classificações e representações de *áreas*, para efeitos administrativos. Assim, pode-se dizer que o sentido *lato* da designação, no contexto epistemológico, relaciona-se de forma interdependente do seu sentido *stricto*, no âmbito institucional.

Se por um lado o termo *ciência* remete ao conhecimento, ou episteme, logrado por meio da aplicação de algum critério metódico e organizado de tal forma que possa ser disciplinado, por outro, o termo *disciplina* remete ao resultado do esforço de delimitação da ciência como *ramo do saber*. Nesse sentido, ambos os termos apresentam-se como sinônimos, malgrado possam remeter também a “duas faces de uma mesma moeda”, cada qual com particularidades que podem ser apercebidas numa dinâmica caracterizada pela interdependência das “faces” para formar a unidade.

Uma possível explicação sobre essa dinâmica foi trazida por Kuhn (2005) ao demonstrar que a concepção de *comunidade científica* pressupõe a organização da ciência – processo de disciplinarização – por intermédio de uma atividade social. Aquilo que denominou de *paradigma científico* compõe o eixo interpretativo para a explicação dessa atividade, permitindo analisar o fenômeno das *revoluções científicas*.

Tal fenômeno inicia-se ainda na fase *pré-científica*, num momento em que não é possível observar a definição de uma estrutura, de uma disciplina. Portanto, esta fase se caracterizaria pela ausência de paradigma. Por outro lado, quando as teorias, as metodologias e os valores científicos ganham forma, a disciplinarização resultante formaria a *ciência normal*. Pode-se dizer que a *ciência normal* tornar-se-ia hegemônica, teórica e politicamente, ao assumir a posição dogmática de “anteguarda científica”.

Entretanto, para Kuhn (2005), o processo *revolucionário* não ocorre harmonicamente, pois a dinâmica das disputas teóricas que ocorrem no interior da *ciência normal* revela problemas manifestos em *enigmas* – problemas que podem ser resolvidos – e em *anomalias* – problemas que nem sempre podem ser resolvidos. Essa situação pode levar à *crise* científica quando ocorrem dissidências da *ciência normal* que resultam na proposição de uma *ciência extraordinária*. Em tese, quando a *ciência extraordinária* reúne argumentos teóricos e força política na comunidade científica para “destituir” o poder hegemônico da antiga *ciência normal*, uma nova estrutura se revela, ou seja, emerge daí uma *nova ciência* (KUHN, 2005, p. 24-25).

A partir desse pressuposto, identifica-se a tensão para a busca de hegemonia no cerne de uma comunidade científica que atua para a delimitação de uma disciplina. A conformação disciplinar ocorre com a especialização do conhecimento com a qual a comunidade científica delimita objetos com vistas à sua apreensão e/ou controle por meio do

aporte de métodos e teorias.<sup>2</sup> Nesses termos, a *disciplina* é a forma pela qual a ciência encontra o seu “porto seguro” – mesmo provisoriamente – para a busca do conhecimento. O caráter provisório da disciplina – perceptível na coerência lógica que sustenta a concepção de *revolução científica* de Kuhn – demonstra a efemeridade de elementos de sua própria conformação.

Com vistas a ilustrar tal transitoriedade, Freire-Maia (1997, p. 17-18) cunhou as expressões “ciência-disciplina” e “ciência-processo” que auxiliam a visualização das “duas faces da mesma moeda” há pouco mencionada, cujas particularidades revertem e esclarecem a aparente tautologia atinente à *morfose da ciência em vias de disciplinar-se*. Vejam-se, a seguir, tais particularidades:

a) “ciência-disciplina” – expressão referente ao processo de constituição de uma disciplina a partir da apresentação formal de um conjunto de descrições, interpretações, leis, teorias, modelos, etc., que visa ao conhecimento de uma parcela da realidade e que resultou da aplicação de uma *metodologia científica especial*. É possível inferir que, no âmbito da “ciência-disciplina”, por vezes são construídos enunciados de natureza *ontológica*, tais como o/a “ciência/disciplina/área/campo de estudos x é isso” ou “não é aquilo”, e *topográfica*, como o “espectro x começa nesse espaço” e “termina naquele”. Embora tais enunciados estejam, de antemão, sujeitos à superficialidade – diante da armadilha da simplificação daquilo que seria a “ciência” em questão, de sua cientificidade ou da ausência dela –, tais tentativas de delimitação buscam sustentar alguma coerência lógica com vistas à sua validação e/ou visando estabelecer critérios e parâmetros de positividade;

b) “ciência-processo” – designação que considera o conhecimento científico “em vias de ser construído”, em contínua avaliação, cujas positivities estão à disposição do exercício do questionamento que poderá levar à sua refutação. A dinâmica da “ciência-processo” pode abalar os alicerces da “ciência-disciplina”, pois enquanto a “[...] ciência-disciplina [possa] parecer um edifício acabado, irretocável, cheio de verdades (as ‘verdades científicas’), a “ciência-processo”, ao contrário, “[...] revela que se trata de algo em contínua elaboração, ampliação e revisão.” (p. 18).

Logo, a ideia de univocidade semântica entre *disciplina* e *ciência* se dá, em parte, pela possibilidade de incidência de dois *movimentos*

<sup>2</sup> O estudo de Rabello (2011b) trouxe uma aproximação sobre a construção de objetos na CI, tomando, como exemplo, o processo organização do conhecimento.

complementares que, em termos ideais kuhnianos, atuariam no(a): a) delimitação de positivities em direção à criação da *ciência normal* – busca de validação da permanência; e b) questionamento dos conhecimentos consolidados, acumulados, disciplinados, mediante a formulação de enigmas e anomalias rumo à *ciência extraordinária* e, enfim, à *nova ciência* – busca de validação da mudança, da transformação.

A possível simultaneidade dos movimentos sobreditos pode ser ilustrada, ainda, pela busca do conhecimento científico com duas *finalidades*: a) resolução de problemas empíricos ou passíveis de observação, mensuração e/ou controle, mediante métodos quantitativos, somando-se à possibilidade de sua interpretação, por meio de métodos qualitativos; e b) sustentação da investigação *pura*, ou seja, *básica* ou *fundamental*, em busca de *novos conhecimentos* sem necessariamente interessar-se em realizar aplicações empíricas ou experimentais.

Nas próximas seções buscar-se-ão contemplar as explicações formuladas por teóricos da área em estudos que podem ser interpretados considerando *ambos os movimentos* – pensando simultaneamente disciplina/ciência como fechamento e abertura<sup>3</sup> – para a obtenção de conhecimento sobre a CI. Por outro lado, parte-se da conjectura de que as narrativas explicativas da disciplinaridade da CI podem se direcionar e/ou se inclinar mais a uma ou a outra *finalidade*, ou seja, ou à construção de um corpo teórico voltado a conhecimentos de caráter *empírico e prático*, ou a uma base, poder-se-ia dizer, mais *reflexiva e teórica*<sup>4</sup>. Para subsidiar a análise, serão utilizadas as categorias de Japiassu (1977) que auxiliam a

<sup>3</sup>Sobre tal simultaneidade, a citação de González de Gómez e Orrico (2006, p.14) é ilustrativa: “A produção de conhecimento ‘disciplinar’ adquire vitalidade num movimento de fechamento e abertura: se não tivessem seus momentos de delimitação e focalização de um domínio – movimento de fechamento – os conhecimentos ficariam ‘fluidificados’, ‘vagos’; mas se não mantivessem esse seu objeto como algo ‘extraído ou construído por processos específicos’, dentro de uma rede de relações solidárias com outros objetos, tratados por outras abordagens disciplinares, dentro de todas as malhas que ligam o domínio com o universo do qual faz parte – movimento de abertura –, correriam riscos de ‘coisificação’ desse objeto, que passaria a ser naturalizado como coisa-em-si – e, portanto, sujeito a sua permanente repetição e cópia.”

<sup>4</sup>Embora se admita que a suposta distinção, igualmente sugerida por Dick (1999), da natureza do conhecimento seja um problema filosófico que remete a diferenciação das concepções inatistas de Platão e realistas de Aristóteles e que encontra fulcros na discussão epistemológica hodierna – diante da dificuldade de se especular onde começa o conhecimento empírico (que também contém carga teórica) até chegar a sua “transformação” em outro conhecimento de natureza supostamente pura, plenamente teórica – ela será utilizada no presente texto como um dispositivo para que se possa visualizar os diferentes enfoques epistemológicos no contexto da CI. Essa divisão da natureza do conhecimento foi problematizada pelo filósofo empirista Latour (2000, p. 394-395) que ironizou o empenho dos racionalistas em sobrevalorizar a teoria frente ao conhecimento empírico que (resulta da, ou) possibilita a aplicação: “É tão grande o fascínio deles [os racionalistas] por esse mistério que se deleitam dizendo que ‘a coisa menos compreensível do mundo é o mundo ser compreensível’. Falar sobre teorias e depois se embasbacar com a ‘aplicação’ delas não faz mais sentido do que falar de braçadeiras sem dizer que elas apertam, ou separar laçadas e malhas de rede. Fazer uma história das ‘teorias’ científicas teria tão pouco sentido quanto escrever uma história do martelo sem levar em conta os pregos, as tábuas, as casas, o carpinteiro e as pessoas que usam a casa [...]”. Para complementar a discussão, veja-se Savolainen (2009) que abordou sobre as formas de produção do conhecimento e saber em sua relação com a sua dimensão empírica, trazendo os conceitos trabalho epistêmico, de Cook e Brown (1999), e saber na prática, de Orlikowsky (2002), como subsídios para pensar o uso da informação.

situar os enfoques epistemológicos, ou as perspectivas, de onde são construídos tais narrativas.

### 3 Epistemologia *específica* e a Ciência da Informação<sup>5</sup>

O campo dedicado ao *discurso/conhecimento (logos)* sobre a *ciência (episteme)* – *Epistemologia*, também conhecido como *Filosofia da Ciência* – centraliza seus esforços, segundo Japiassu (1977, p. 16), no estudo “[...] metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais.” O autor acrescenta que o estatuto da Epistemologia é ambíguo por se tratar de um “[...] discurso sistemático que encontra na Filosofia seus *princípios* e na ciência seu *objeto*.” (p. 24, grifos do autor). Essa concepção *lato sensu* será norteadora para o estudo de suas variações *stricto sensu* pensadas no campo da CI.

Uma dessas variações está refletida no enfoque epistemológico denominado *específico*. A *epistemologia específica*, de acordo com Japiassu (1977, p. 17), refere-se às demarcações de uma *disciplina* cuja constituição intelectual se estabelece numa unidade, em tese, *bem definida do saber* (grifo meu). Busca-se, nesse enfoque, o estudo “[...] próximo, detalhado e técnico [da disciplina], mostrando sua organização, seu funcionamento e as possíveis relações que ela mantém com as demais disciplinas.”

A *epistemologia específica* privilegia a relação da configuração historiográfica de uma disciplina com teorias de outras, bem como a operacionalização destas para a constituição de conhecimentos instrumentais que poderão ser customizados aos interesses daquela. Pode-se dizer que a produção de narrativas, a partir dessa modalidade na CI, interessa-se pela reflexão sobre a instrumentalização de tais conhecimentos, em particular, no que tange às possibilidades de resolução de problemas informacionais, contemplando práticas, enfoques e espaços/ambiências informacionais específicos. À luz de problemáticas dessa ordem, esse enfoque encontra também na Sociologia do Conhecimento, mais especificamente, na Sociologia da Ciência, um lugar profícuo para o estudo da ciência como objeto social. No enfoque epistemológico *específico*, a relação interdisciplinar com teorias – voltadas, mormente, ao conhecimento empírico – de outros campos do saber seria o ponto de partida para pensar os intentos de conformação disciplinar da CI<sup>6</sup>. Pode-se mencionar, como exemplo, as explicações que

<sup>5</sup> A presente seção retoma reflexões contidas em Rabello (2008), em passagens reproduzidas, por vezes, literalmente.

<sup>6</sup> A premissa da dimensão interdisciplinar da CI é utilizada em estudos teóricos como argumento forte para a figuração da CI na condição de uma ciência pós-moderna ou contemporânea, num contexto em que, segundo explica Francelin (2004, p. 52), ampliam-se “[...] as formas e as técnicas de construção do conhecimento, os consensos teóricos se diluem, dando passagem à interdisciplinaridade, uma das principais marcas na construção do saber e figura marcante no debate sobre a legitimidade científica em finais do século XX.” O autor admite outros argumentos que seriam tão fortes quanto o anterior, complexando a linha discursiva. Com



aproximam a CI das teorias e práticas da Biblioteconomia, da Arquivística, da Museologia, da Documentação,<sup>7</sup> da Ciência da Computação, da Ciência Cognitiva, da Comunicação, dentre outras.

No campo da CI, as narrativas produzidas no âmbito da *epistemologia específica* frequentemente se reportam à mudança da relação entre homem e conhecimento a partir da invenção dos tipos móveis de Johann Gutenberg e, por conseguinte, daquela ocorrida com a importância dos livros impressos na Idade Moderna para a transmissão do conhecimento. Consequentemente chegam à mudança da concepção da biblioteca “clássica”, que aos poucos foi deixando de ter uma função universalista – aos moldes iluministas – (SHERA, 1980, p. 93) passando a atender às demandas de conhecimento especializado e científico (FAYET-SCRIBE, 2001, p. 14). Argumenta-se, ainda, que a especialização nos serviços de informação derivou da figuração dessas novas demandas sociais e que aspectos de sua origem podem ser observados quando da criação dos instrumentos voltados para uma maior delimitação do conteúdo dos documentos para o processo de organização e recuperação da informação (ORTEGA, 2004).

Especificamente no contexto profissional, a literatura da área de informação constantemente revisita os acontecimentos ocorridos na França, entre o final do século XIX e início do XX, relativos à indisposição entre os *bibliotecários tradicionais*, que mantinham acervos organizados por generalidades temáticas, com função patrimonialista, educativa e universalista; e os *documentalistas*, que tinham como enfoque o tratamento para a disponibilização da documentação especializada e científica e que eram advindos da tradição do movimento bibliográfico

---

vistas a figurar, em direção a um enfoque específico, o “pensamento informacional” dos teóricos Naudé, Dewey, Otlet e Price, o estudo de Tálamo e Smit (2007, p. 53) problematizou as afirmações que associam as relações interdisciplinares da CI à sua suposta natureza pós-moderna. Conforme explicam as autoras, “[...] a pós-modernidade não se caracteriza essencialmente pela sua interdisciplinaridade, mas pela crise de crescimento e degenerescência do pensamento científico moderno, imposta pela matriz disciplinar”, algo que levou as autoras a resgatarem as premissas expostas por Wersig (1993) sobre aquilo que seria a nova configuração do conhecimento científico no cenário pós-moderno que perpassa por questões relativas à sua despersonalização, credibilidade, fragmentação e racionalização e que remetem à complexidade da relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. O espaço da epistemologia global (veja-se seção quatro), contando com a profícua transversalidade de análises em outros enfoques epistemológicos (veja-se seção cinco), pode ser produtivo para a tentativa de se delinear o panorama das orientações epistemológicas vigentes em relação à complexidade da referida relação sujeito-objeto. Nesse espaço, poder-se-ão levantar questões que envolvem, p. ex., a posição do sujeito e do objeto em possíveis relacionamentos de caráter objetivista, subjetivista, realista, idealista, fenomenalista, etc. Além disso, poder-se-ão levantar indagações suscitadas por perguntas, tais como: há separação entre sujeito e objeto no contexto científico pós-moderno? Em que se difere a noção de disciplina no contexto moderno e pós-moderno, tomando a CI como parâmetro? Numa possível figuração da CI no novo contexto de ciência, qual o papel das epistemologias modernas que ainda perduram a influenciar a acepção disciplinar da CI?

<sup>7</sup> Faz-se constar, como exemplo, os estudos que relacionaram a CI com aspectos teóricos da Arquivologia (FONSECA, 2005) ou com aspectos da Arquivologia, Museologia e Biblioteconomia, com um enfoque técnico-profissional (SMIT, 2000a; 2000b), ou com ênfase em questões de legitimação institucional e de relações teórico-científicas (ARAÚJO, 2011), ou com aspectos históricos da Biblioteconomia e da Documentação nos EUA (BUCKLAND, 1996) ou incluindo, ademais, aspectos de outros países (ORTEGA, 2004), ou apresentando formulações teóricas sobre a Documentação no contexto brasileiro (ORTEGA, 2010).

(WOLEDGE, 1983). Tais documentalistas provinham das mais diversas profissões e campos do saber e trabalhavam nos centros de documentação, sendo os protagonistas de uma relativa tensão entre Biblioteconomia e Documentação (MEYRIAT, 1993).

Similarmente ao ocorrido na França, nos Estados Unidos (EUA) as questões providas dos interesses de associações profissionais geraram divergências entre os denominados *librarians* (bibliotecários tradicionais) e aqueles que, aos poucos, representavam outra categoria profissional por trabalharem nas *Special Libraries*, bibliotecas especializadas, ou seja, os *information scientists*, cientistas da informação ou bibliotecários especializados (SHERA, 1980).

Por outro lado, como o entendimento da documentação estadunidense, nesse período, se diferenciou daquela apreendida na Europa (SHERA, 1980; BUCKLAND, 1996), uma primeira tensão no campo profissional ocorreu entre a Biblioteconomia tradicional (ou “clássica”) e a Biblioteconomia especializada (moderna) e, num segundo momento, essa tensão se deslocou e se refletiu no binômio *Biblioteconomia* (especializada) e *Ciência da Informação* (SARACEVIC, 1995).

Além dessas divergências ocorridas no âmbito profissional, muitas das narrativas produzidas no contexto da *epistemologia específica* destacam as controvérsias quando se exploram a existência de sobreposição ou convívio de diferentes correntes quanto à reivindicação da origem do estatuto disciplinar da CI. Essa preocupação está estampada na diversidade de opiniões de pesquisadores da CI que nela se detiveram e reconheceram, p. ex., a importância da obra do advogado belga Paul Otlet intitulada *Traité de Documentation*, de 1934, que seria a base para uma perspectiva europeia da disciplina, em particular, em uma vertente francófona; e do artigo do cientista estadunidense Vannevar Bush, intitulado *As we may think*, de 1945, que definiria o marco teórico inicial da vertente anglófona da CI.

Faz-se oportuno destacar que não existe consenso entre os teóricos que defendem ambas as orientações. P. ex., autores como Wersig (1993) e Rayward (1991; 1994; 1995) defendem que a CI se originou com a perspectiva europeia; já para Saracevic (1996), Capurro (2003) e Fernández Molina (1993), esta disciplina surgiu na perspectiva estadunidense. Todavia, na opinião de Rodríguez Bravo (2002), ambas as perspectivas se complementam.

Em meio a tal controvérsia, a pesquisa de López Yepes (1995) é ilustrativa pela forma como o autor procura demonstrar a construção disciplinar da CI – ou *Documentación*, conforme a designação adotada na Espanha – tomando como referente as diferentes concepções (regionais) acima citadas. Seguindo procedimentos de uma pesquisa de cunho exploratório e bibliográfico, o autor narra os pressupostos das orientações anglófona e francófona, somados às orientações germânica e russa, evidenciando a historicidade de uma série de ações (profissionais e acadêmicas) com vistas a suprir, em diferentes contextos, demandas profissionais e problemas informacionais em instituições informativo-documentais.

Conforme introduzido anteriormente, a acepção estadunidense de CI estaria, primeiramente, relacionada às atividades profissionais em documentação – principalmente no setor privado, iniciadas anteriormente à Segunda Guerra – e à eficiência organizativa de associações profissionais e de pesquisa, como o American Documentation Institute, fundado em 1937, atualmente, American Society for Information Science and Technology (ASIST), que representavam, em alguma medida, o interesse dos EUA em se projetar como país investidor e produtor de ciência e tecnologia. Essas associações elegeram e disseminaram o termo *information science* (ciência da informação) como o “porta-voz” de uma promissora ciência, que necessitaria, a partir de então, de reunir esforços intelectuais rumo à sua justificação disciplinar. P. ex., o artigo de Borko (1968), embasado nas ideias de Taylor, expressou bem o intento de se justificar e de delimitar essa disciplina, trazendo, de forma sucinta e genérica, as preocupações teóricas deliberadas nas conferências do Georgia Institute of Technology, realizadas nos EUA, 1961/1962, que seriam orientadoras para as pesquisas e práticas profissionais em informação na relativa separação e interdependência entre a dimensão teórica e a aplicada.<sup>8</sup> Somando-se a isso, Freitas (2003) e Oliveira (2005) mostraram que a UNESCO, na década de 1960, teve um importante papel de divulgação de tais ideias com o intuito de formar um sistema Mundial de Informação Científica para “cooperação voluntária internacional” (UNISIST).

No contexto da concepção europeia, pode-se dizer que Otlet foi pioneiro na área, destacando-se ao catalisar as ideias e práticas profissionais em informação de sua época e ao promover e articular associações profissionais voltadas, outrossim, à pesquisa e à divulgação do conhecimento. O referido advogado belga, colaborado muitas vezes por Henri La Fontaine, teve efetiva participação no movimento bibliográfico europeu do final do século XIX e início do século XX, ajudando a organizar eventos, como a Conferência Internacional de Bibliografia, além de articular entidades como a Oficina Internacional de Bibliografia (OIB), em 1892, e o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), em 1895. Ademais, criou o Repertório Bibliográfico Universal (RBU), que seria um instrumento, ou inventário, que permitiria o acesso ao conhecimento registrado produzido em âmbito internacional. Para Otlet, a organização desse conhecimento seria possível, tão-somente, por meio da sua classificação precedente mediante a Classificação Decimal Universal (CDU), criada com base na Classificação Decimal (CDD) do bibliotecário estadunidense Melvil Dewey. Além disso, Otlet alcançou o reconhecimento

<sup>8</sup> Em seu texto, Borko (1968, p.3) propõe uma agenda investigativa para a disciplina a qual se incumbiria de estudar as “[...] propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso.” Seguindo a perspectiva adotada por Borko (1968), a “epistemologia da CI revisitada” proposta por Robredo (2003) traz o levantamento de temas que comporiam uma agenda investigativa observada pelo autor e que pressupõe sugestões para possíveis parâmetros disciplinares da CI. O autor dividiu os temas em duas frentes: a) pesquisa fundamental, composta por dezesseis temas, e b) pesquisa aplicada, composta por quatorze temas.

teórico ao publicar o *Traité*. Nessa obra, o autor busca sustentar os domínios disciplinares da Documentação.<sup>9</sup>

Assim, o discurso da disciplinaridade da CI, no âmbito da *epistemologia específica*, não raro retoma dados históricos relacionados à construção e aplicação de teorias no contexto profissional em informação e documentação ou à mensuração de aspectos que acompanham, em alguma medida, a legitimação e a formalização de cursos em universidades, decorrentes diretamente de demandas sociais de formação profissional. Se a formulação de tal raciocínio for pensada sob os pressupostos orientadores das vertentes anglófona e francófona até aqui apresentados, podem-se destacar *três eixos*: a) *teoria* (voltada à técnica e à prática) – grau de formalização de procedimentos técnicos adotados e sistematizados para a resolução de problemas no domínio da ação informativo-documental; b) *associações/instituições* (profissionais e acadêmicas) – incluindo a criação de cursos, a organização de programas de pós-graduação, de estruturas ou classificações para o financiamento à pesquisa e ao ensino; e c) *comunicação* – organização de eventos e de veículos de divulgação acadêmico-profissional. Muitos teóricos, no âmbito *específico*, têm buscado sustentar a disciplinaridade da CI argumentando que a autoridade das práticas e técnicas informacionais e documentais teoricamente sistematizadas são validadas mediante o grau de sua institucionalização e de sua aceitabilidade em comunidades profissionais e/ou acadêmicas organizadas, bem como da capacidade destas de promover fóruns de debates – locais, regionais, nacionais e internacionais – somados aos seus veículos de divulgação especializados – anais de eventos, periódicos científicos, etc.<sup>10</sup>

Os pressupostos relacionados aos três eixos citados foram utilizados por López Yepes (1995, p.197-214) também para explicar a criação da corrente teórica originada na Alemanha, algo que mostrou que a

---

<sup>9</sup>Os pressupostos teóricos da Documentação foram influenciados pelas ideias positivistas de Auguste Comte (DAY, 1997; RAYWARD, 1991; 1994; SANDER, 2002) e pelo objetivismo linguístico iniciado pelos enciclopedistas do século XVII (DUCHEYNE, 2005). Tal orientação foi decisiva para a criação da obra de Otlet que expressou, em uma abordagem ampla e com grande preocupação formal, a sua inquietude frente aos problemas informacionais de sua época. O *Traité* tornou-se, a partir de então, um importante referencial para a reflexão de questões informacionais, inclusive as hodiernas, sobretudo acerca de temas relacionados à organização e representação da informação e do conhecimento.

<sup>10</sup>Tais eixos comporiam alguns dos enlaces associativos, ou lugares que privilegiam as associações, importantes para o desenvolvimento do saber e mesmo para a sua institucionalização numa área. Nesse caso, a Sociologia da Ciência é um campo relevante para pensar a dinâmica social subjacente. Ressaltando o aspecto associações/instituições, Marteleto (2009, p. 20-21) contextualiza as preocupações disciplinares da CI sob o aporte do conceito de reflexibilidade de Bourdieu, ressaltando a ciência como objeto a partir de uma análise crítica no âmbito histórico e sociológico. Buscou-se, com essa abordagem, “[...] compreender os mecanismos sociais que orientam a prática científica e a própria estrutura e dinâmica do seu campo disciplinar”, tomando como enfoque o próprio pesquisador e transcendendo-o quando imerso numa estrutura “[...] organizacional e cognitiva do seu campo disciplinar, seus objetos, teorias, discursos, verdades e instituições.” Outro exemplo de pesquisa ressaltando o aspecto associações/instituições, mas sob outro prisma, foi desenvolvida por Souza e Stomph (2009) que abordaram sobre a constituição da CI no Brasil como “área do conhecimento”. Enfocaram, em sua narrativa, os critérios de gestão e avaliação de agências de fomento à pesquisa e ao ensino, somados à organização e configuração das linhas de pesquisa dos programas de Pós-Graduação brasileiros em CI.

perspectiva europeia da CI não se restringiu à corrente francófona. O referido autor espanhol se embasou em autores como Shober (1968), Pietsch (1968), Koblitz (1968; 1969; 1970; 1975), Wersig (1975), dentre outros, para argumentar que a perspectiva alemã da Ciência da Informação e Documentação (*Informations-und dokumentationswissenschaft*) se diferiria e seria mais ampla do que a concepção estadunidense.

A vertente alemã da disciplina se singularizou quando, naquele país, passou a somar a responsabilidade social ao ponto de vista crítico direcionado às tecnologias de informação, tomando como enfoque e objeto de estudo a informação social organizada. A documentação seria determinante para a disciplina, ao passo que representaria o processo de produção documental, ou seja, o processamento analítico-sintético dos documentos cuja função informativa residiria no processo de armazenamento, recuperação e transmissão da informação. Conforme postularam Wersig e Neveling (1975), cujo texto fora recentemente estudado por Freire (2003), a disciplina alemã se constituiu priorizando dois enfoques. O primeiro deles foi o da *Ciência da Informação*, que se preocuparia com a informação em um contexto social amplo; e o segundo foi o da *Documentação*, que se encarregaria da informação especializada.

A junção complementar desses enfoques marcaria, então, a criação da Ciência da Informação e Documentação alemã que, na condição de ciência social, fora criada para ocupar-se das questões socioinformacionais de maneira ampla. Por outro lado, com a instrumentalidade das teorias para o delineamento do seu caráter disciplinar e com o consequente enfoque nas questões de ordem eminentemente prática, pode-se dizer que a disciplina alemã não se diferenciou substancialmente da proposta estadunidense de CI.

Compreende-se que o artigo de Bush (1945), na perspectiva estadunidense, trouxe implicitamente os primórdios da “vocação” que a CI estadunidense tomou como conduta balizadora, ou seja, incitou a ênfase nos recortes teóricos de outras disciplinas para tentar suprir demandas específicas e aplicadas de informação (especializadas, portanto) em um enfoque marcadamente funcional e instrumental. Em outras palavras, esse artigo foi tomado simbolicamente como marco por muitos pesquisadores por representar o momento do pós-guerra em que se abriu um campo de investigação aos cientistas frente à questão da informação voltada para a identificação e para a solução de problemas informacionais, mediante aparatos tecnológicos, em particular, naqueles relativos à recuperação da informação.

Contudo, apesar da importância desse enfoque para a “criação” disciplinar da CI – que, posteriormente, não se limitou à recuperação da informação, ampliando o seu campo de ação instrumental –, pode-se dizer que a vertente estadunidense carregou uma tendência até hoje perceptível da escassez (ou de lacunas) de fundamentação e preocupação epistemológica, ou seja, de enfatizar mais a tecnologia e os recortes teórico-disciplinares sob o ponto de vista prático e tecnicista em detrimento da contextualização do pensamento produzido na CI numa

tradição científica e filosófica. Essa situação foi responsável, em certa medida, a uma inconsistência teórica que tem levado, ainda hoje, à premência de estudos epistemológicos, sobretudo, para se pensar a sua suposta natureza contemporânea, ou pós-moderna, no âmbito das Ciências Sociais.

É oportuno ressaltar que uma das contribuições observadas com esse enfoque da recuperação da informação para a proposição da CI estadunidense foram os altos investimentos em tecnologia promovidos por aquele país no período pós-Segunda Guerra Mundial (SARACEVIC, 1996; 1999). Contudo, não se pode prescindir de mencionar o contexto em que tais investimentos foram estimulados. Eles ocorreram, precisamente, no momento da corrida bélico-tecnológica entre os EUA e a então superpotência concorrente – a antiga União Soviética (URSS) – igualmente emergente no período pós-guerra e também protagonista da chamada Guerra Fria.

De modo geral, a Guerra Fria marcou o período pós-Segunda Guerra Mundial – que se estendeu até 1989, com a simbólica queda do muro de Berlim – em que as potências vencedoras da guerra, EUA e a URSS, aceitaram dividir globalmente forças em uma espécie de equilíbrio de poder desigual, respectivamente, em zonas de influência capitalista e zonas de influência socialista, não contestado em sua essência. Essa falta de contestação da divisão de poderes, por ambas as partes, evitou a eclosão de uma guerra nuclear. Entretanto, esse período foi marcado pelo medo de uma “destruição mútua inevitável” decorrente do perigo eminente de guerra (HOBBSAWN, 1995, p. 224). A tensão entre esses dois países teve como um de seus desdobramentos a corrida pelo desenvolvimento científico, tecnológico e bélico na tentativa de demonstrar superioridade de força no plano infraestrutural e militar. A informação, nesse contexto, adquiriu importância estratégica.

Nesse período, a antiga URSS igualmente focalizou interesses para as questões científico-informacionais num movimento de teorização da informação científica que já vinha se delineando anteriormente à proposição estadunidense. Nessa direção, Freitas (2003), ao basear-se no estudo de Richards (1996, p. 77), demonstrou a marcante atuação do Comitê Central do Partido Comunista da URSS para a construção de um “[...] complexo sistema de importação e tratamento da informação de periódicos científicos do Ocidente para suprir seus próprios cientistas e tecnólogos.” Tais iniciativas foram efetivadas com a fundação, no ano de 1952, do VINITI (Instituto para a Informação Científica). Todavia, tal entidade fora concebida, já em 1946, na ocasião em que se observou a existência de um “[...] serviço de informação com a finalidade central de manter os cientistas soviéticos atualizados no que faziam os norte-americanos em pesquisa atômica e [em] projeto de foguetes” (RICHARDS, 1996, p. 87). Assim, em meio às disputas geopolíticas e ideológicas da Guerra Fria e à conseqüente corrida pela vanguarda científico-tecnológica, o controle da informação científica e tecnológica foi uma das pautas nesse leque de interesses.

Autores como Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskii (1966) se dedicaram à criação de uma disciplina russa – a Informática (*Informatika*) – com vistas a investigar tais questões informacionais. Diferentemente da CI estadunidense, que buscava (pelo menos formalmente) estudar o fenômeno informacional de maneira ampla, a Informática, desde sua criação, buscou delimitar o seu campo de ação investigativa tendo como enfoque a informação científica (LÓPEZ YEPES, 1995, p. 220).

A Informática passou, a partir de então, por um amplo quadro teórico-disciplinar interpretativo tendo, como marco inicial, as preocupações com leis internas de desenvolvimento da ciência relacionadas às necessidades sociais que as justificassem. Dentre as principais necessidades que influenciaram a sua criação, destacam-se: a) o crescimento na produção bibliográfica; b) a especialização científica; c) a inter-relação entre ciências; d) os aspectos políticos e econômicos incidentes na ciência; e) a influência dos meios de comunicação, entre outros aspectos. Num primeiro momento, tal disciplina foi pensada para o estudo dos princípios da atividade informacional mediante a elaboração e aplicabilidade de metodologias para coleta, processamento (analítico-sintético), armazenamento e disseminação da informação científica registrada.

Ademais, López Yepes (1995, p. 222) mostrou que a Informática, além de se ater às preocupações relacionadas à informação científica, também sofreu influência da documentação otletiana na conjectura de que dela se derivou a preocupação com um dos principais alicerces da disciplina russa – a atividade científico-informativa –, que seria diretamente responsável pela geração de novos conhecimentos.

No bojo desse contexto histórico, as tecnologias de informação foram fundamentais para a intersecção do plano infraestrutural com o bélico. As iniciativas desses países retratam um período em que a informação passou a ser concebida estrategicamente para interesses nacionais, eminentemente para a esfera público-estatal na antiga URSS; e para a esfera pública e privada nos EUA. Cabe ressaltar que o enfoque estadunidense conduziu hegemonicamente a proposição da CI em detrimento à Informática russa, principalmente por contemplar as primazias informacionais do mundo capitalista, ou seja, a ênfase na informação de cunho *científico-tecnológico* atrelado ao enfoque *mercadológico*.

No que tange aos aspectos atrativos relacionados à ênfase da informação de cunho científico-tecnológico, é importante ressaltar as preocupações metodológicas avaliativas de caráter quantitativo (p. ex., enfoques bibliométricos, cienciométricos, infométricos, webométricos) para coletar dados de fluxos de informação, comunicação acadêmica, difusão do conhecimento científico, etc. (VANTI, 2002), para a identificação de padrões que justificariam avanços ou retrocessos quanto a aspectos disciplinares de uma ou de um conjunto de ciências.<sup>11</sup> Segundo

---

<sup>11</sup>Seguindo uma orientação metodológica de natureza quantitativa, a investigação de Arboit, Bufrem e Freitas (2010, p. 19) objetivou realizar uma análise de citações na literatura periódica na

argumenta González de Gómez (1999/2000, p. 335-336), no campo da CI tais estudos quantitativos iniciaram-se numa primeira fase da disciplina e foram concomitantes às investigações sobre recuperação da informação mediada por máquina. Nessa fase, observa-se a fundamentação de “[...] generalizações e teorias de regularidades empíricas e em sua formalização nomológica, tal como nas leis de Bradford e nas teorias epidemiológicas da ‘disseminação de ideias’ de William Goffman”.

A concepção de informação subjacente a tais preocupações metodológicas geralmente é registrada na literatura da CI considerando a influência da *teoria matemática da informação*, de 1948, elaborada por Shannon e Weaver. Essa teoria, em linhas gerais, dedica-se à transmissão de mensagens entre emissor e receptor num canal comunicativo, no caso da CI, mediado pela tecnologia. Sob esse prisma, o processo informacional e documental instrumentalizaria a comunicação da informação científica em um sistema de informação. Nessa concepção matemática da informação, o enfoque principal da CI recai sobre a percepção de *sistema*, que remete à importância da *teoria dos sistemas*, e do controle positivo – das propriedades, do comportamento, etc. – da *informação registrada*.

Já o enfoque mercadológico da informação na CI pode ser observado a partir da análise de López Yepes (1995, p. 189-193) que se embasou em autores como Santodomingo Guarachana (1990), Ros García (1990), Gómez-Pallete (1990), Hernández de Frutos (1991), López Hernández (1991), entre outros. No referido estudo, López Yepes (1995) destacou vários pontos relacionados ao desenvolvimento da gestão da informação (*information management*) na CI, dentre os quais consideram a informação como um recurso econômico estratégico – ou fonte de poder econômico – da atividade empresarial em uma “sociedade da informação”, também denominada “pós-moderna” ou “pós-industrial”. Nessa perspectiva, a informação seria gerida em sistemas sob o forte impacto das tecnologias de informação.

Concomitante à ênfase da perspectiva estadunidense da CI, direcionada aos conhecimentos empíricos voltados à informação num contexto científico-tecnológico e mercadológico – influentes na vertente anglófona –, emerge a percepção da necessidade de mudanças na agenda de investigação da disciplina, a partir da possibilidade de esta investir em pesquisas que congreguem preocupações considerando conhecimentos de outra natureza. Essa foi uma preocupação expressa por Borko ainda no

---

área de CI para identificar como se figuram as questões epistemológicas do referido campo no contexto brasileiro. As autoras consideram que “[...] o desenvolvimento de uma ciência é refletido na produção científica, ou seja, que por meio das publicações a comunidade científica tem acesso a um novo conhecimento e o torna legítimo, o estudo da comunicação científica possibilita o exame e a avaliação dos conteúdos produzidos pelos cientistas, bem como as tendências, métodos e influências teóricas.” Esse estudo é um exemplo de pesquisa tangente aos interesses em comunicação científica que, com base em estudos métricos, coletam dados que podem subsidiar estudos em outros campos, como no da Epistemologia – para evidenciar, quantitativamente, a produção sobre assuntos relacionados – ou no da Sociologia da Ciência – subsidiando, complementarmente, ao oferecer um levantamento de fontes de informação de interesse sobre determinada disciplina.



final da década de 1960. O autor sugeriu que a CI deveria preocupar-se também com o estudo dos seus fundamentos *sem necessariamente preocupar-se com sua aplicação* (BORKO, 1968, grifos nossos). Nesse caso, o autor alerta para um escopo disciplinar não necessariamente comprometido, num primeiro plano, com a dimensão aplicada, ou seja, um espaço de especulação para o estudo dos fenômenos informacionais não voltado somente para os lugares institucionais relacionados à criação de produtos e serviços (informativo-documentais). Além disso, reconhece que a dimensão eminentemente teórica é complementar à aplicada e ambas subsidiam ilustrativamente estudos sobre origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação<sup>12</sup>.

Inferre-se, com isso, que a dimensão analítica e teórico-especulativa é essencial para a validação ou para o questionamento e/ou refutação dos conhecimentos advindos de preocupações empíricas, ou seja, para a formulação de indagações de outra ordem, relacionadas aos fenômenos informacionais e às epistemologias subjacentes a estes fenômenos. Apreciações dessa natureza complementam as discussões apresentadas até aqui, sobretudo se for considerado a constatação de Dick (1999, p. 307), a qual revela que muitos teóricos da CI não se atentam para o fato de que mesmo as atividades práticas e técnicas estão ancoradas em plataformas teóricas que apresentam posições epistemológicas definidas.

À luz de tais considerações, neste momento propõe-se passar de um *corpo teórico* empenhado na produção de narrativas que tomam como objeto conhecimentos de natureza empírica e prática, para outro *corpo* composto por narrativas que abrem margem para uma investigação *básica* ou *fundamental* e que reflexionam sobre as posições epistemológicas subjacentes às *démarches* teóricas do campo.

#### **4 Epistemologias *particular* e *global* e a Ciência da Informação**

Seguindo a perspectiva de Japiassu (1977, p. 24), outra variação epistemológica seria a *epistemologia particular* (ou interna). Ao considerar um campo particular do saber (especulativo ou científico), a *epistemologia particular* preocupa-se com a análise crítica (interna) subjacente ao conhecimento para estabelecer fundamentos teóricos e metodológicos da disciplina referente. Tende, com efeito, a integrar os postulados obtidos nos domínios da ciência analisada, ou seja, intenciona intervir com e/ou em tais postulados.

---

<sup>12</sup> A partir da preocupação de Borko (1968) de não privilegiar valorativamente a dimensão teórica ou a dimensão aplicada, pode-se dizer que o livro *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*, publicado nos EUA, em 1992, sob a organização Pertti Vakkari e Blaise Cronin e, principalmente, o número especial do periódico inglês *Journal of Documentation*, de 2005 (volume 61, número 1), dedicado à temática "library and information science and the philosophy of science", são considerados marcos da vertente anglófona da CI.

A *epistemologia particular* no campo da CI constitui o lugar de onde os teóricos se atêm à busca da compreensão da processualidade histórica e teórica do fenômeno informacional – utilizando como objeto, p. ex., os resultados obtidos pela *epistemologia específica* – relacionando-o, criticamente, com questões de *fundo* filosófico e/ou com teorias das Ciências Sociais<sup>13</sup>. De modo particular, o pesquisador intervém identificando epistemologias importantes ou potencialmente influentes para o campo. Ao instrumentalizar ou identificar posições epistemológicas previamente elegidas, o pesquisador busca influir na dimensão científica, propondo caminhos para questões particulares – teorias, conceitos, métodos – ou, de forma mais ampla, busca intervir na totalidade da própria concepção da disciplina – adaptação ou proposição de modelos, de estruturas, etc.

Considerando o referido caráter teórico interventivo, os epistemólogos que observam a CI por esse ângulo geralmente utilizam *critérios de validação* a partir de indagações formuladas que podem tangenciar, em graus diferentes, os oito tipos de problemas apontados por Bunge (1980, p. 13), isto é, elaboram questões para resolver problemas de ordem *lógica, semântica, gnosiológica, metodológica, ontológica, axiológica, ética e estética*. À luz de alguns desses tipos de problemas, que podem gerar questionamentos de natureza diversa, mas também concomitantes, apresentar-se-ão, a seguir, exemplos de pesquisas no âmbito da CI que trazem uma análise crítica (interna) e que contribuem com a proposição de fundamentos teóricos e metodológicos.

Um exercício de atualização das modalidades de epistemologia no campo da CI pode ser observado nas especulações propositivas de Rendón Rojas (2005), que buscou sistematizar aquilo que seria um *programa de investigação* da CI – ou da *Bibliotecología*, conforme a designação adotada no México – com base nos pressupostos do *programa de investigação científica* idealizado por Imre Lakatos.

Essa estrutura seria composta por um *núcleo duro* – sistema informativo-documental – e um *cinturão protetor*, composto por conceitos auxiliares – informação, documento, profissional da informação, usuário e instituição informativo-documental – além de um *cinturão externo*, que formaria o campo das heurísticas. O trabalho de Rendón Rojas também perpassou por outros temas importantes, p. ex., a influência de diferentes correntes epistemológicas, tal como o *positivismo*, de Auguste Comte – e suas variações no âmbito do *positivismo lógico* –, o *falsificacionismo*, de Karl Popper, as *revoluções científicas*, de Thomas Kuhn, e o *anarquismo epistemológico*, de Paul Feyerabend. Além disso, no plano *metodológico*, Rendón Rojas (2005) argumenta que sofreu a influência dos métodos *lógico, dialético, fenomenológico e hermenêutico*.

Noutra investigação, González de Gómez (1999/2000) tematiza aspectos *metodológicos*<sup>14</sup>, cuja complexidade decorre do reconhecimento

<sup>13</sup>Para uma discussão teórica sobre a figuração da CI nas Ciências Sociais, vejam-se Wersig e Windel (1983), González de Gómez (2002) e Araújo (2003).

<sup>14</sup> Outros estudos também se detiveram a questões metodológicas vinculadas a plataformas epistemológicas bem definidas (MORALEZ LÓPEZ, 2000), podendo-se observar, p. ex., trabalhos

de premissas *poli-epistemológicas* no campo da CI. Igualmente sob um enfoque *particular* propositivo, a autora problematiza, mesmo indiretamente, a ideia de um único *programa de investigação* da CI, tal como propôs Rendón Rojas (2005). Para tanto, ela destaca a influência e/ou a consequência da escolha metodológica à luz da suposta *dupla hermenêutica* (política e epistemológica) para a intervenção nos matizes do campo. Tal ato interventivo poderia ocorrer sob três formas de abordagens para o estudo do objeto da CI em suas distintas configurações, ou seja, ora próximo às *práticas e ações de informação* ou aos *contextos organizacionais de informação* ou às *infraestruturas de informação*. Tais possibilidades levariam à conformação provisória de diferentes *núcleos* investigativos e, por conseguinte, de distintos *programas* comensuráveis.

A controvérsia levantada sugere que a existência de um *programa da Bibliotecología* com um único *núcleo* (o *sistema informativo-documental*), que aparentemente amplia o alcance do campo – considerando outras iniciativas históricas que tiveram a noção de *sistema* como pressuposto e trazendo a ideia de um *continuum* de outras iniciativas disciplinarizantes anteriores – também restringe a uma estrutura fechada e supostamente autossuficiente frente a outros *programas*, mesmo considerando a alternativa apresentada por Rendón Rojas (2005) de relacionamento e de possível transitoriedade entre os elementos do *núcleo* e os dos *cinturões externos*.

A ideia de *continuum* também foi retomada por Saldanha (2010) que defendeu, no âmbito *particular*, a relevância da filosofia da linguagem e, em especial, dos “jogos de linguagem”, de Wittgenstein, para argumentar sobre a existência de permanência da *filosofia representacionista* (segundo o autor, historicamente mais aceita) dividindo espaço com a *filosofia pragmatista* (supostamente menos aceita) numa chamada “cisão sensível e não incomensurável.” O *continuum* resultaria no entendimento de que a “área” se restringiria às atividades e às epistemes subjacentes historicamente à *organização do conhecimento*, naquilo que preferiu denominar de estudos em “organização dos saberes” e que, de alguma forma, sintetizaria e faria frente àquilo que hoje seria denominada de “disciplinas” ou “ciências” encarnadas nos termos Biblioteconomia, Bibliografia, Documentação e/ou Ciência da Informação. Do ponto de vista epistêmico, existiriam continuidades e descontinuidades atinentes aos estudos em organização, algo que contrariaria os discursos sobre a “criação da CI” na metade do século XX, bem como qualquer referência universal para afirmar a existência de uma suposta ciência ou de um ou mais paradigmas. Nessa direção, não existiria cisão e hierarquização entre saberes e fazeres no campo da *organização*, ocasionando a reapropriação do conceito informação, que já era tomado como objeto noutros contextos anteriores à “criação” da CI, bem como reconhecendo que abordagens sociológicas e antropológicas sempre

---

que defendem perspectivas como a da hermenêutica (CAPURRO, 2000; HANSSON, 2005), e a da fenomenologia, complementarmente à hermenêutica (BUDD, 1995; MARCIANO, 2006).

fizeram parte dos estudos em organização do conhecimento, mas sob outra roupagem.

A pesquisa de Araújo (2009) abordou aspectos sobre a constituição da disciplina, apresentando um quadro teórico por meio de uma revisão de literatura – com foco no conceito *informação* – contemplando seis dos campos que teriam constituído a CI, a saber: 1. *teoria matemática da informação, recuperação da informação e bibliometria*; 2. *teoria sistêmica*; 3. *teoria crítica da informação*; 4. *teorias da representação e da classificação*; 5. *produção e comunicação científica*; e 6. *estudos de usuários*.

O autor considerou que, em todos os campos estudados, o conceito *informação* foi historicamente construído em grande medida na condição de “coisa”, dotada de objetividade, onde se observam os aspectos intrínsecos da mensagem (emissão e recepção) e da funcionalidade (num modelo sistêmico). Nesse caso, os seis campos teriam sido orientados pelo “paradigma positivista”, algo que revela a dimensão sincrônica do conceito *informação* durante a suposta constituição paradigmática da disciplina.

Nessa pesquisa, foi ressaltado como elemento definidor da orientação epistemológica do campo apenas um aspecto do quadro teórico abordado por Capurro (2003), haja vista a ênfase na referida dimensão sincrônica que induz a figurar a dimensão positivista do conceito *informação*.

A dimensão diacrônica desse conceito foi abordada por Capurro (2003), e recentemente retomada por Campos e Venâncio (2007), no momento em que aquele autor emprega a *teoria das revoluções científicas* de Kuhn e propõe transpô-la ao campo da CI, contextualizando o fenômeno da informação em três hipotéticos paradigmas. O *paradigma físico*, ou positivista, marcaria o “nascimento” da CI, sendo logo questionado pelo *paradigma cognitivo* e este, por sua vez, pelo *paradigma pragmático ou social*.

A ideia de paradigma, a partir das três categorias, pode ser problematizada diante do fato de que na passagem de um paradigma a outro – do *paradigma normal* ao *extraordinário* e deste à *nova ciência* – ocorre a sobrevalorização e a *sobreposição* da *inovação* frente à *tradição* teórica. Nesse sentido, questiona-se se no caso da CI realmente existe uma superação sucessiva entre os supostos “paradigmas” *objetivo*, *subjetivo* e *social*. A referida dinâmica de convivência sob tensão entre as dimensões da *tradição* e da *inovação* na esfera teórica e conceitual da CI foi estudada por Rabello (2009; 2011a). Esse autor trabalhou *tradição* e *inovação* como categorias antitéticas de análise (RABELLO, 2009; 2010) no âmbito da *história dos conceitos* (KOSELLECK, 1992; 1997; 2006; RABELLO, 2008) para investigar aspectos diacrônicos e sincrônicos do conceito *documento* no campo da CI.

A observação dos referidos aspectos do conceito estudado por Rabello (2009; 2011a) levou-o a problematizar a acepção de *conceito científico* quando matizado apenas nas construções teóricas que enfatizam a dimensão empírica e prática do conhecimento, numa epistemologia

*lógica* ou *positivista*.<sup>15</sup> Essa vertente se caracterizou por tentar explicar e prognosticar a realidade mediante a aplicação do método empírico somado ao emprego da lógica, partindo das coisas particulares para chegar a generalizações que comporiam leis universais. Conforme argumenta Japiassu (1977, p. 11, grifos do autor), o *empirismo lógico*, também denominado *neopositivismo*, se prende muito mais à “[...] elucidação da atividade científica através de uma descrição dos métodos, dos resultados, e, sobretudo, da *linguagem* da ‘Ciência’ ou da ‘Razão’ nas ciências,<sup>16</sup> que ao exame propriamente crítico desta atividade.”

Derivando das epistemologias *específica* e *particular*, a *epistemologia global* considera um saber geral à luz da virtualidade e dos problemas do conjunto da organização – especulativa ou científica – deste saber. A *epistemologia global* objetiva analisar a

[...] natureza dos procedimentos de uma ciência, *não para fornecer-lhe um fundamento ou intervir em seu desenvolvimento*, mas para saber como esta forma de conhecimento é possível, bem como para determinar a parte que cabe ao Sujeito e a que cabe ao Objeto no modo particular de conhecimento que caracteriza uma ciência. [Para tanto, encarrega-se de] fazer apelo às outras ciências e às suas epistemologias. (JAPIASSU, 1977, p.17, grifos meus).

A *epistemologia global* confere ao observador uma visão um pouco acima das demais epistemologias ou uma visão panorâmica do conhecimento numa ciência. É claro que a limitação dessa visão sempre existirá, haja vista a dificuldade e/ou impossibilidade de o observador lograr captar a totalidade do conhecimento ou da impossibilidade de conseguir conceber todas as possíveis relações existentes com diferentes ciências e epistemologias. Nesse espaço, o pesquisador busca, pelo menos em intenção, a compreensão global desse conhecimento – mesmo provisoriamente – num enfoque de caráter mais analítico-descritivo do que interventivo. Caber-se-ia ao observador, em sua relação com o objeto, identificar tendências e conjunturas do conhecimento e inventariá-

<sup>15</sup> Dentre os estudos que abordam a influência do positivismo e do neopositivismo na CI, vejam-se as pesquisas de Budd (1995), que propôs “suplantar” a aceção positivista da CI mediante a concepção da fenomenologia hermenêutica, e de Dick (1999), que critica a concepção de Budd (1995) e relativiza reconhecendo a parcela de importância do positivismo para o campo.

<sup>16</sup> Um pressuposto importante da lógica do neopositivismo consiste na busca da objetividade, precisão e não-ambiguidade dos termos, ou seja, procura formatar a linguagem de especialidade da ciência à luz de sua suposta univocidade, homogeneidade e universalidade. Tal pressuposto foi sistematizado na Teoria Geral da Terminologia (TGT) elaborada na década de 1930 por Eugène Wüster, cuja semelhança de abordagem pode ser observada se comparada à obra do filósofo do Círculo de Viena, Rudolf Carnap (LARA, 2006). Embora o reducionismo e o formalismo excessivo da TGT tenha sido relativizado pela Teoria Comunicativa da Terminologia, sob a sistematização de Maria Teresa Cabré, criticado com maior ênfase pela Socioterminologia, defendido por Enilde Faulstich (BARROS, 2006), e questionado pela Teoria Sociocognitiva da Terminologia, com base nos estudos de Rita Temmerman (LARA, 2006), o trabalho de Wüster continua sendo uma importante referência para muitas investigações dedicadas à linguagem de especialidade no campo científico, inclusive à CI (SMIT; TÁLAMO; KOBASHI, 2004; GALVÃO, 2004; CAMPOS; GOMES, 2004; LARA; TÁLAMO, 2007).

las, podendo este conhecimento figurar em sua dimensão empírica e/ou de cunho mais teórico e reflexivo.

Foram apresentados, na seção 3, exemplos de investigações que partiram do enfoque *global* em direção ao enfoque *específico*, como é o caso das pesquisas de López Yepes (1995) e de Tálamo e Smit (2007). Serão apresentados, a seguir, exemplos de pesquisas que buscaram trazer, como fim último, “um estado da arte” supostamente não interventivo, *global*, além de pesquisas que utilizaram desse recurso como pressuposto inicial para a defesa de teses no âmbito *particular*<sup>17</sup>.

A pesquisa de Capurro e Hjørland (2007) buscou explorar o conceito informação no campo da CI à luz da sua relação com outras disciplinas, trazendo um panorama epistemológico amplo, global. Para tanto, apresentou uma revisão de literatura, abordando a informação em sua dimensão etimológica, terminológica e conceitual, em diferentes contextos de ciência – moderna e pós-moderna – e em disciplinas presentes tanto no âmbito das ciências naturais como no das ciências humanas e sociais. Os autores passaram por um longo percurso teórico até chegar ao campo da CI, o lugar onde seria possível, por suas relações interdisciplinares, propiciar o encontro das concepções elencadas. Nesse quadro, os autores buscaram privilegiar as concepções de informação tangentes às suas “[...] *características como novidade e relevância, ou seja, [referentes] ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à seleção e interpretação dentro de um contexto específico.*” (p. 150). Ao abordar o conceito estritamente no campo, citaram ainda a relação interdisciplinar da CI com outras teorias da informação, bem como com as abordagens metodológicas que identificaram e julgaram influentes à disciplina.

Outro exemplo de pesquisa histórico-conceitual orientada por um enfoque *global* foi a realizada por Rabello (2009). Esse estudo objetivou demonstrar os elementos que comporiam a natureza categórica do conceito *documento* no âmbito teórico da CI. A pesquisa foi operacionalizada por meio de uma pesquisa histórico-conceitual que permitiu comparar e relacionar o conceito no contexto das disciplinas Documentação, Diplomática e História, à luz das epistemologias influentes em cada disciplina. O autor demonstrou que a *tradição* e a *inovação* conceitual apresentam tensão no campo da CI sem haver uma sobreposição de um enfoque teórico sobre outro. Assim, foram demonstradas as inúmeras positivities co-existent no plano teórico, algo que revelou a natureza polissêmica do conceito estudado. O quadro elaborado contou, além de *tradição* e *inovação*, com as seguintes categorias de análise: *universo disciplinar auxiliar; relação interdisciplinar/teorias; enfoque teórico – informação/documento; enfoque na relação sujeito/objeto; natureza do objeto/registro; fase do objeto/documento; natureza do produtor do documento.*

<sup>17</sup> A relação dos movimentos transversais de pesquisas que perpassaram de um enfoque epistemológico a outro será sistematizada no quadro contido na próxima seção.

Para confirmar a hipótese da existência de um *continuum* do campo que estaria cingido à “organização dos saberes”, Saldanha (2010) recorreu, sob um enfoque *global*, a um “itinerário da tradição na epistemologia informacional”, apresentando a descrição da *sub-tradição fisicalista*, *tradição representacionista* e *tradição pragmática*, em releitura das categorias de Capurro (2003). Nos entremeios do *representacionismo*, que estaria mais alinhado à corrente anglófona, e do *pragmatismo*, que estaria mais alinhado à corrente francófona, as indefinições conceituais observadas durante o percurso histórico da Biblioteconomia, Bibliografia, Documentação e Ciência da Informação foram denominadas de “becos e travessas do campo”. Em síntese, foi apresentado um quadro sobre as macro-tradições epistemológicas dos estudos de “organização dos saberes” que trouxe, de acordo com o autor, as movimentações da paisagem social epistemológica no campo segundo o olhar da filosofia da linguagem. O quadro trouxe ainda a *categoria manifestações terminológicas institucionais* com a qual pôde relacionar com as figurações tipológicas expressas nas categorias *tradição pragmática (pensamento retóricofilológico)* e na *tradição representacionista (pensamento essencialista-positivista)*.

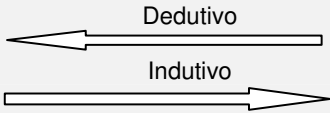
A investigação de González de Gómez (2000, p. 6) explorou o objeto da CI – a *informação* – e descreveu um arranjo *global* denominado “modelos sócio-técnicos da informação”, identificado no campo. Segundo a autora, os valores ou “testemunhos” da *informação* são constituídos pela sobredeterminação de sua “indecibilidade estrutural”, ou seja, são determinados mediante “[...] atos seletivos ou decisoriais, sejam estes explícitos e formais ou tácitos e não formalizados, dos atores sociais e de suas práticas culturais”. A partir disso, a autora argumenta sobre a inexistência de isomorfismo entre os universos de informação e os outros universos que são referenciados como objeto daqueles. Ademais, apresenta um panorama das premissas epistêmicas daquilo que seriam os “modelos sócio-técnicos da informação”, descritos em: a) *modelo universalista*, b) *modelo elitista* ou *hegemônico* e c) modelo que considera a *inteligência distribuída*. Na conjuntura atual, em que supostamente se destaca o último modelo, a autora conclui que, embora o conhecimento apresenta-se como uma nova medida de valor nos discursos sobre a sociedade da informação e do conhecimento, não oferece nenhum critério ou medida de seu próprio valor, cabendo uma retomada dos pressupostos epistemológicos orientados, p. ex., pela *ontologia* e pela *ética*. Embora reconheça a fragilidade da Epistemologia quanto à sua atual crise de legitimação – em que se questiona sua competência caracterizadora e normativa frente à desativação do critério de verdade como critério universal de valor – reconhece, outrossim, a sua imprescindibilidade para que possa ser repensada e atualizada.

Após essa breve incursão sobre as iniciativas que buscaram intervir, *particularmente*, ou observar e inventariar, *globalmente*, o conhecimento empírico e teórico, apresenta-se, a seguir, as possíveis intersecções entre os enfoques epistemológicos até aqui apresentados, quando direcionados à produção de conhecimento *no* e *sobre* o campo.

## 5 Epistemologias como lugares de encontro

No presente texto pôde-se constatar a fecunda complementariedade entre abordagens ao se registrar a mobilidade de pesquisadores que, tomando a CI como objeto, delinearam questionamentos que levaram à produção de narrativas que transitaram – de diferentes formas e com diferentes recursos teórico-metodológicos – pelas epistemologias *específica*, *particular* e *global*. O quadro a seguir exemplifica tal mobilidade a partir de alguns casos apresentados:

Quadro 1 – Mobilidade das narrativas sobre a CI entre enfoques epistemológicos

Sentido da argumentação (argumento principal/vetor em <i>italico</i> )					
A u t o r - d a t a		Enfoques	Epistemologia Específica	Epistemologia Particular	Epistemologia Global
		Argumentos			
	López Yepes (1995)	→	<i>Integração disciplinar da CI</i>	-	Enfoques históricos, interdisciplinares e teórico-práticos da CI
	Capurro (2003)	→	-	<i>Estrutura paradigmática da CI</i>	Enfoques teórico-epistemológicos
	Rendón Rojas (2005)	→	-	<i>Estrutura do programa de investigação da CI</i>	Enfoques teórico-epistemológicos
	Araújo (2010)	→	-	<i>Epistemologia orientadora</i>	Enfoques teórico-práticos e interdisciplinaridade
	Capurro e Hjørland (2007)	→	Enfoques teórico-práticos e interdisciplinaridade	Epistemologias orientadoras	<i>Quadro da dimensão interdisciplinar da informação na CI</i>
	Rabello (2009)	→	Enfoques teórico-práticos e interdisciplinaridade	Epistemologias orientadoras e natureza do conceito científico	<i>Quadro da dimensão categórica do documento na CI</i>
	Saldanha (2010)	→	-	<i>Estudos de organização dos saberes como constituidores do campo</i>	Quadro das macro-tradições epistemológicas dos estudos de organização dos saberes
	González de Gómez (2002)	→	-	Epistemologias orientadoras	<i>Modelos sócio-técnicos da informação</i>
	Tálamo e Smit (2007)	→	<i>Enfoques teórico-práticos e integração disciplinar da CI</i>	-	Enfoques teórico-epistemológicos da dimensão pós-moderna da ciência

Fonte: Autor



O quadro apresenta, de forma ilustrativa, a possibilidade de as narrativas transitarem entre enfoques epistemológicos num sentido em cujo vetor é o argumento principal defendido (destaque em *itálico*). O sentido é aclarado pela linha dedutiva ou indutiva subjacente ao movimento utilizado para defesa do argumento principal. Veja-se, a seguir, a síntese explicativa dos movimentos das narrativas sobre CI onde é possível acompanhar a relação entre os autores e o conteúdo (argumentos) dispostos no quadro.

A investigação de López Yepes (1995) trouxe um quadro *global* dos enfoques históricos e teórico-práticos a partir de uma relação interdisciplinar de diferentes concepções disciplinares regionais, chegando, assim, a um quadro disciplinar *específico*, pretensamente integrador.

As pesquisas de Capurro (2003) e de Rendón Rojas (2005) sustentaram distintos argumentos. Partindo de um enfoque *global*, trouxeram primeiramente um panorama das epistemologias influentes no campo, para, depois, defenderem suas teses no âmbito *particular*. Faz-se relevante observar que, dessas teses, geraram controvérsias em distintos ângulos.

Capurro orientou-se por um referencial *global* ao apresentar as correntes epistemológicas do século XX para defender, no âmbito *particular*, aquilo que seria a *estrutura paradigmática da CI* composta pelos supostos paradigmas – *físico, cognitivo e social* – constitutivos a partir da concepção de *informação*, seguindo a lógica das *revoluções científicas*. Dessa tese, originaram questionamentos sobre a impropriedade do processo de *progresso científico* referente, cuja *tradição* conceitual seria subsumida pela *inovação* (RABELLO, 2011a), ou sobre a própria concepção de paradigma de Kuhn a partir do questionamento da maturidade da CI para ser categorizada como *ciência normal* (HEHMY *et al.*, 1996; EUGÊNIO, FRANÇA; PEREZ, 1996; LENZI; BRAMBILA, 2006) ou se a CI, por sua complexidade, algum dia poderia realmente se constituir num *paradigma* ou em *paradigmas* (SALDANHA, 2008).

Rendón Rojas (2005) trouxe, num enfoque *global*, um extenso panorama das epistemologias influentes no campo para propor, num quadro *particular*, uma *estrutura do programa de investigações da CI*. Essa tese foi questionada por González de Gómez (1999/2000) ao defender a possibilidade de existência de *diferentes programas* comensuráveis no campo.

A pesquisa de Araújo (2009) apresentou, no âmbito da *epistemologia global*, enfoques teórico-práticos e interdisciplinares para justificar, num enfoque *particular*, a influência do positivismo como epistemologia hegemônica no campo.

Na investigação de Capurro e Hjørland (2007), o estudo do conceito *informação* foi acompanhado por exemplos no âmbito *específico*, ao trazer modelos teóricos em sua dimensão empírica com outras disciplinas – contexto comunicacional, informativo-documental, etc. – e, também, sob um enfoque *particular* – ao identificar diferentes epistemologias, pressupostos metodológicos, etc. Essa mescla teórica proporcionou o

delineamento de um panorama *global* do conceito *informação* na CI à luz de sua dimensão interdisciplinar.

O estudo de Rabello (2009) trouxe elementos teórico-práticos de disciplinas que têm o conceito *documento* como objeto de estudo, no plano da epistemologia *específica*, além das epistemologias influentes a estas disciplinas, passando pelo questionamento sobre a natureza do *conceito científico*, no âmbito *particular*, para demonstrar, num enfoque *global*, o quadro que traz elementos da dimensão categórica do conceito na CI.

A pesquisa de Saldanha (2010) trouxe, sob um enfoque *global*, uma interpretação das filosofias *representacionista* e *pragmatista* influentes na CI, sob o prisma da filosofia da linguagem. A partir do quadro apresentado, buscou defender, num contexto *particular*, a existência de um *continuum* das atividades e epistemes historicamente subjacentes aos estudos em “organização dos saberes” que, supostamente, compreenderia todo o campo.

A investigação de González de Gómez (2000) trouxe epistemologias orientadoras, no âmbito *particular*, para pensar o que denominou de “indecibilidade estrutural” da informação. O quadro levou a autora a especular a existência, num enfoque *global*, de “modelos sócio-técnicos da informação”, algo que permitiu identificar a atual crise de legitimação da Epistemologia e, também, justificar, num enfoque *particular*, a importância de sua atualização e revisão.

O último movimento apresenta as preocupações teóricas de Tálamo e Smit (2007) que discutem, numa perspectiva *global*, o lugar no qual se observam o escopo da alteração da ciência moderna para a pós-moderna. A linha de raciocínio direcionou-se às preocupações tangentes à *epistemologia específica*, onde figuram o “pensamento informacional” dos teóricos Naudé, Dewey, Otlet e Price.

## 6 Conclusão

As narrativas criadas no campo da CI que se aproximam dos enfoques epistemológicos *específico*, *particular* e *global*, em geral, buscam apresentar “um estado da arte” da disciplina sob diferentes prismas. Assim, procurou-se apresentar tais enfoques como lugares, ou mirantes, de onde são levantadas as problemáticas motivadoras para a criação de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas tomando a CI como objeto de análise, conquanto tenha sido uma oportunidade de apresentar cenários onde se operacionalizam explanações teóricas e/ou controvérsias relevantes para o aprofundamento do conhecimento no campo.

As controvérsias, abordadas neste artigo, não ocorreram *entre enfoques epistemológicos*, mas no interior deles. Algumas controvérsias foram apresentadas considerando a dimensão teórica *específica*, relativa ao estudo do conhecimento empírico e prático no que tange à sua relação com outras disciplinas, e, *particular*, atinente às proposições especulativas em consideração à posição da CI em relação a outras epistemologias em

sua construção teórica e metodológica, fornecendo, para tanto, um fundamento ou buscando intervir no seu desenvolvimento.

Das divergências observadas nas narrativas que buscaram justificar o estatuto disciplinar no contexto epistemológico *específico*, foi possível observar que aquilo que se denomina *Ciência da Informação* no Brasil – cuja equivalência terminológica (tradução) ou aproximação semântica, observada em outros países (Estados Unidos, Inglaterra, etc.) os quais, por vezes, somam antecedendo à expressão *Information Science* a palavra *Library*, e designada diferentemente noutros (como *Documentation*, na França, *Documentación*, na Espanha, *Bibliotecología*, no México, *Informatika*, em países do leste europeu, etc.) – parte do reconhecimento da existência de uma comunidade científica orientada por problemas informacionais específicos, no âmbito de instituições informativo-documentais, e por epistemologias, quadros teóricos, métodos, conceitos, terminologias de especialidade, etc. em grande medida comensuráveis, mesmo à luz das particularidades regionais de pesquisa enfocadas. Sob esse espectro, realizam-se investigações em programas de pós-graduação, institutos de pesquisa, etc., cujos quadros epistêmicos referentes poderão ser validados ou questionados – no âmbito das epistemologias *específica* e *particular* – independentemente da nacionalidade ou da designação dada à ciência no plano disciplinar.

Embora não tenham sido apresentados exemplos de controvérsias no âmbito da *epistemologia global*, faz-se mister registrar que apenas a possibilidade de suas ocorrências desconstrói a aparente ideia de neutralidade/imparcialidade que supostamente seria atribuída aos pesquisadores que recorrem ao recurso analítico-descritivo *global* para mapear o quadro epistemológico *específico* e/ou *particular* da disciplina. O fato de o pesquisador debruçar-se sobre o objeto tentando distanciar-se dele não pressupõe que logrará trazer “o estado da arte” da disciplina. Isso sugere a tendência *particular*, ou interventiva, mesmo da *epistemologia global*.

No caso de existir controvérsias *entre enfoques epistemológicos*, p. ex., se ocorrer a defesa incondicional de um enfoque sobre outro, corre-se o risco de o conjunto das epistemologias aqui apresentado deixar de ser concebido como um profícuo *lugar de encontro*. O hipotético *desencontro*, ocasionado com a compartimentação rígida das epistemologias *específica*, *particular* e *global* poderia empobrecer a complexidade de análises transversais que têm se demonstrado tão importantes para os intentos de minimizar a “crise de identidade” da CI mencionada na introdução.

Espera-se que os enfoques epistemológicos apresentados e o quadro, contendo o posicionamento e o possível trânsito (encontro) entre os enfoques, possam contribuir metodologicamente com os estudos a serem desenvolvidos com vistas a tomar a CI como objeto de análise. Infere-se que, ao auxiliar na figuração do enfoque epistemológico, o quadro poderá contribuir para o exercício de identificação e apreensão da tese/argumento central dos textos analisados (mesmo quando implícito), bem como no entendimento e configuração das controvérsias teóricas mediadas para a defesa de argumentos.

Enfim, em meio à diversidade de posicionamentos até aqui apresentados, o conjunto das investigações que estão sendo produzidas – cujos exemplos expostos neste texto representam apenas uma fração – estimula a interlocução e o diálogo acadêmico, sobretudo se pensado diante da possibilidade da mobilidade das narrativas entre os enfoques epistemológicos. Com efeito, a produção de conhecimento para a construção de bases teórico-metodológicas mais sólidas permite uma maior aproximação da CI ao almejado reconhecimento social, ao passo em que se busca consolidar seu espaço no campo das Ciências Sociais.

## Referências

ARAÚJO, C. A. Á. A ciência da informação como ciência social. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, 2003.

\_\_\_\_\_. Correntes teóricas da ciência da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez., 2009.

\_\_\_\_\_. Ciência da informação, biblioteconomia e museologia: relações institucionais e teóricas. *Enc. Bibli.: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011.

ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). *Persp. Ci. Inf.*, v. 15, n. 1, p. 18-43, jan./abr. 2010.

BARROS, L. A. Apresentação: aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da Terminologia. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 22-26, abr./jun. 2006

BORKO, H. Information science: what is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.

BUCKLAND, M. K. Documentation, Information Science, and Library Science in the USA. *Information Processing and Management*, v. 32, n. 1, p. 63-76, 1996.

BUDD, J. M. An epistemological foundation for Library and Information Science. *Library Quarterly*, v. 65, n. 3, p. 295-318, 1995.

BUNGE, M. *Epistemologia*: curso de atualização. 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. 246 p.

BUSH, V. As we may think. *Atlantic Monthly*, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1969/12/as-we-may-think/3881/>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

CAMPOS, L. F. B.; VENÂNCIO, L. S. Perspectivas em (in)formação: tendências e tensões entre abordagens físicas, cognitivistas e emergentes. *Transinformação*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 107-118, maio/ago. 2007.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. Tesouro e normalização terminológica: o termo como base para intercâmbio de informações. *Datagramazero*, Rio

de Janeiro, v. 5, n. 6, 2004. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/dez04/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/dez04/Art_02.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2010.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. *Persp. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <[www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm)>. Acesso em: 30 out. 2005.

\_\_\_\_\_. *Hermeneutics and the phenomenon of information*. 2000. Disponível em: <<http://www.capurro.de/ny86.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

DAY, R. Paul Otlet's book and the writing of social space. *JASIS*, v. 48, n. 4, p. 310-317, 1997.

DICK, A. L. Epistemological positions and Library and Information Science. *Library Quarterly*, v. 69, n. 3, p. 305-323, 1999.

DUCHEYNE, S. Paul Otlet's of knowledge and linguistic objectivism. *Knowledge Organization*, v. 32, n. 3, p. 110-116, 2005.

EUGÊNIO, M.; FRANÇA, R. O.; PEREZ, R. C. A Ciência da Informação sob a ótica paradigmática de Thomas Kuhn: elementos de reflexão. *Perspect. Ci. Inf.*, Belo

Horizonte, v. 1, n. 1, p. 27-39, jan./jun. 1996.

FAYET-SCRIBE, S. *Histoire de la documentation en France: culture, science et technologie de l'information: 1895-1937*. Paris: CNRS, 2001.

FERNÁNDEZ MOLINA, J. C. De la Documentación a la Information Science: antecedentes, nacimiento y consolidación de la "Ciencia de la Información" en el mundo anglosajón. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, v. 9, n. 33, p. 41-61, 1993.

FONSECA, M. O. *Arquivologia e ciência da informação*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 121p.

FRANCELIN, M. F. Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 49-66, maio/ago. 2004.

FREIRE, I. M. O olhar da consciência possível sobre o campo científico. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 50-59, jan./abr. 2003

FREIRE-MAIA, N. *A ciência por dentro*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 262p.

FREITAS, L. S. de. Sentidos da história e história dos sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, ano 2, n. 2, 2003.

GALVÃO, M. C. B. A linguagem de especialidade e o texto técnico-científico: notas conceituais. *Transinformação*, Campinas, v. 16, n. 3, p. 241-251, set./dez. 2004.

GARCÍA MARCO, F. J. El concepto de información: una aproximación transdisciplinar. *Revista General de Información y Documentación*, v. 8, n. 1, p. 303-326, 1998.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. *R. Bibliotecon. Brasília*, v. 23/24, n. 3, p. 333-346, 1999/2000.

\_\_\_\_\_. Cuestiones epistemológicas de la Ciencia de la Información y de la Bibliotecología. In: RENDÓN ROJAS, M. Á. *Problemas sobre teoría y epistemología de la ciencia bibliotecológica y de la información: discusión y análisis*. Ciudad de Mexico: UNAM, 2000. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, M. de A. *O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa. Editora Universitária; UFPB, 2002. p. 25-47.

\_\_\_\_\_. O contrato social da pesquisa: em busca de uma nova equação entre a autonomia epistêmica e autonomia política. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, fev. 2003. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/fev03/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/fev03/Art_02.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2006.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. Interdisciplinaridade: questões norteadoras e possíveis caminhos. In: \_\_\_\_\_. *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: EDUFRN, 2006. p. 9-27.

HANSSON, J. Hermeneutics as a bridge between the modern and the postmodern in library and information science. *Journal of Documentation*, v. 61, n. 1, p. 102-113, 2005.

JOURNAL OF DOCUMENTATION, London: Esmerald, v. 61, n. 1, p. 5-163, 2005.

NEHMY, R. M. Q. et. al. A Ciência da Informação como disciplina científica. *Perspect. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1996.

HOBSBAWN, E. Guerra Fria. In: \_\_\_\_\_. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 223-252.

HOLLAND, G. A. Information science: an interdisciplinary effort? *Journal of Documentation*, v. 64, n. 1, p. 7-23, 2008.

JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 202 p.

KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

\_\_\_\_\_. Historica y hermenéutica. In: KOSELLECK, R.; GADAMER, H.-G. *Historia y hermenéutica*. Barcelona: Paidós, 1997. p. 65-94. (Pensamiento Contemporáneo, 43).

\_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9. ed. São Paulo: Perspectivas, 2005. 260p. (Debates, 115).

LAKATOS, I. *Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica*. Lisboa: Edições 70, 1999, c1973. 207 p. (Biblioteca de Filosofia Contemporânea).

LARA, M. L. G. Novas relações entre Terminologia e Ciência da Informação na perspectiva de um conceito contemporâneo da informação. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 4, ago. 2006. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/ago06/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/ago06/Art_02.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2010.

LARA, M. L. G.; TÁLAMO, M. F. G. M. Uma experiência na interface Lingüística Documentária e Terminologia. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, out. 2007. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/out07/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/out07/Art_01.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2010.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000. 438 p. (Biblioteca básica).

LENZI, L. A. F.; BRAMBILA, E. Z. *Ciência da Informação, ciência e revolução científica: breve histórico e reflexões*. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 11, n. 1, jan./jun. 2006.

LÓPEZ YEPES, J. *La documentación como disciplina: teoria e história*. 2. ed. actual. y ampl. Panplona: EUNSA, 1995. 337p.

MARCIANO, J. L. P. Abordagens epistemológicas à Ciência da Informação: Fenomenologia e Hermenêutica. *Transinformação*, Campinas, v. 18, n. 3, p. 181-190, set./dez. 2006.

MARTELETO, R. M. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. *Persp. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 14, n. especial, p. 19-40, 2009.

MEYRIAT, J. Un siècle de documentation : la chose et le mot. *Documentaliste-Sciences de l'Information*, v. 30, n. 4-5, p. 192-198, 1993.

MORALES LÓPEZ, V. Un concepto de metodología para la Bibliotecología. *In:*

RENDÓN ROJAS, M. Á. Problemas sobre teoría y epistemología de la ciencia bibliotecológica y de la información: discusión y análisis. Ciudad de Mexico: UNAM, 2000. p.16-30.

OLIVEIRA, M. Origens e evolução da Ciência da Informação. *In:* CENDÓN, B. V. et al. *Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 9-28. (Didática).

ORTEGA, C. D. A Documentação como uma das origens da Ciência da Informação e base fértil para sua fundamentação. *BJIS*, Marília, v. 3, p. 3-35, 2010.



\_\_\_\_\_. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <[www.dgz.org.br/out04/art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/out04/art_03.htm)>. Acesso em: 3 maio 2005.

OTLET, P. *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelles : Mundaneum, 1934.

PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: CASTRO, L. S. *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade*. Brasília: IBICT, 1999. p. 155-182.

\_\_\_\_\_. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: EDUFRN, 2006. p.111-141.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE. 2003. *Anais...* Porto: Universidade do Porto, 2003. p. 1-18. (Cátedra Humanismo Latino). Disponível em: <[http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002\\_11.pdf](http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002_11.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2011.

RABELLO, R. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. *Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, v.13, n.26, 2º sem. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1829>>. Acesso em: 2 dez. 2008.

\_\_\_\_\_. *A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação*. 2009. 331p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=137497](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=137497)>. Acesso em: 5 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. A contribuição da história dos conceitos à ciência da informação: dimensões categórico-abstratas e analítico-causais. *Ciência da Informação*, v. 39, n. 3, p. 35-46, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1834/0>>. Acesso em: 5 set. 2011.

\_\_\_\_\_. A dimensão categórica do documento na Ciência da Informação. *Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 131-156, 2011a. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p131>>. Acesso em: 2 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. La construcción de objetos en la Ciencia de la Información: el caso del proceso *organización* del conocimiento. *Scire*, [2011b]. No prelo.



RAYWARD, W. B. The case of Paul Otlet, pioneer of information science, internationalist, visionary: reflections on biography. *Journal of Librarianship and Information Science*, London, v. 23, p. 135-145, 1991. Disponível em: <[http://people.lis.uiuc.edu/~wrayward/otlet/PAUL\\_OTLET\\_REFLECTIONS\\_ON\\_BIOG.HTM](http://people.lis.uiuc.edu/~wrayward/otlet/PAUL_OTLET_REFLECTIONS_ON_BIOG.HTM)>. Acesso em: 30 jul. 2006.

\_\_\_\_\_. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and hipertext. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 45, n. 4, p. 235-259, may 1994.

\_\_\_\_\_. Orígenes de la ciencia de la información y del Instituto Internacional de Bibliografía / Federación Internacional de Información y Documentación (FID). In:

RAYWARD, W. B.; ARNAN RIVED, P. *Hasta la documentación electronica*. 2. ed. Madrid: Mundarnau, 1995.

RENDÓN ROJAS, M. Á. *Bases teóricas y filosóficas de la Bibliotecología*. 2. ed. México-DF: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2005. (Sistemas Bibliotecarios de Información y Sociedad).

ROBREDO, J. Epistemologia da ciência da informação revisitada. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-Rom.

RODRÍGUEZ BRAVO, B. *El documento: entre la tradición y la renovación*. Granada: Ediciones Trea, 2002. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 67).

SALDANHA, G. S. Thomas Kuhn na epistemologia da ciência da Informação: uma reflexão crítica. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 13, n. 2, p. 56-78, jul. dez. 2008.

\_\_\_\_\_. Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico-epistêmica a partir da filosofia da linguagem. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 300-315, set. 2010. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

SANDER, S. La sociedad del conocimiento en Paul Otlet: un proyecto comteano. *Investigación Bibliotecológica*, v. 16, n. 32, p. 26-40, enero/jun. 2002.

SARACEVIC, T. Interdisciplinary nature of information science. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 36-41, 1995.

\_\_\_\_\_. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Persp. Ci. Inf.*, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

\_\_\_\_\_. Information Science. *JASIS*, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

SAVOLAINEN, R. Epistemic work and knowing in practice as conceptualizations of information use. *Informationresearch*, v. 14, n. 1, March 2009.

SHERA, J. H. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: GOMES, H. E. (Org.). *Ciência da informação ou informática?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105.

SMIT, J. W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia □ o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? *R. bras. Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, Nova Série, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000a.

\_\_\_\_\_. O profissional da informação e sua relação com as áreas de Biblioteconomia/Documentação, Arquivologia e Museologia. In: VALENTIM, M. L. P. (Orgs.). *O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000b. p. 119-134.

SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. M.; KOBASHI, N. Y. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, fev. 2004. Artigo 3. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/fev04/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/fev04/Art_03.htm)>. Acesso em: 24 fev. 2006.

SOUZA, R. F.; STOMPF, I. R. C. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da Pós-Graduação no Brasil. *Persp. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 14, número especial, p. 41-58, 2009.

TÁLAMO, M. F. G. M.; SMIT, J. W. Ciência da Informação: pensamento informacional e integração disciplinar. *BJIS*, v. 1, n. 1, p. 33-53, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.bjis.unesp.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 31, n. 2, ago. 2002.

VUILLEMIN, J. Conceito. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987. v. 37. p. 77-124.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information processing & Management*, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to Information Science. *The Information Scientist*, v. 9, n. 4, Dec. 1975.

WERSIG, G.; WINDEL, G. Information Science needs a theory of 'information actions'. *Social Science Information Studies*, v. 5, p. 11-23, 1985.

WOLEDGE, G. "Bibliography' and "Documentation": words and ideas.  
*Journal of Documentation*, v. 39, n. 4, p. 266-279, 1983.